

A ficção e o processo comunicacional

Resumo

O tema da ficção perpassa diferentes gêneros de expressão comunicacional ao longo do tempo e do espaço. Na contemporaneidade, o mundo ficcional tem na sua relação com os meios de comunicação um dos caminhos por onde mais se reforça sua presença. Muitas vezes, ficção e entretenimento se juntam no espaço mediático como uma marca da sociedade de consumo atual. De qualquer forma, é um tema permanente de indagações pela sua atualidade na vida cotidiana.

Maria Cristina Costa, socióloga, professora e pesquisadora livre-docente, junto à Escola de Comunicações e Artes da USP, vem se dedicando à pesquisa dessa temática já há algum tempo. A peculiaridade do seu olhar sobre o tema está exatamente na junção entre media e ficção na contemporaneidade. Com razoável acervo de artigos, livros publicados a respeito, a entrevistada Cristina Costa oferece aqui significativas condições de percepção crítica da questão.

NO- O tema da ficção parece ser uma constante em sua produção acadêmica. O que tem determinado essa prioridade?

CC- Eu concordo com a posição do Carlos Fuentes de que a América Latina, em sua história, vive uma série de impossibilidades históricas - colonialismo, escravidão, subdesenvolvimento, relações políticas arcaicas, uma série de questões que têm impedido a plena realização dos nossos

anseios. Diante disso, Carlos Fuentes se pergunta a respeito desse paradoxo: como a cultura latino-americana é capaz de, diante de uma realidade tão sofrida e tão insatisfatória, desenvolver uma ficção tão rica, beirando o espetacular? E ele cita Machado de Assis, Jorge Luis Borges, Cortazar, Gabriel Garcia Marques e outros autores para comprovar esse assombro. Ele responde então à sua própria pergunta dizendo que, diante das impossibilidades históricas, a cultura latino-americana teria encontrado na narratividade, meios de superação desses entraves. Eu trabalho tanto com a ficção porque, a meu ver, na América Latina e no Brasil, ela consegue romper barreiras e realizar aquilo que não realizamos historicamente, ainda. A ficção apresenta-se como um ensaio para a vida no qual expressamos esse anseio. Eu não a vejo como escapismo, mas como uma elaboração, uma projeção da ação dentro de um horizonte possível.

NO- Você falou num contexto histórico sul americano. Num contexto mais amplo, como é que você vê os papéis da ficção ao longo da história?

CC- Eu acho que a ficção foi um espaço de desenvolvimento da mente humana, um espaço de elaboração simbólica, criado pelo ser humano no seu embate pela vida. Esse espaço de imaginário e de memória teve como função a projeção de realidades. A ficção permite esse deslocamento no espaço e no tempo. Assim, elementos importantes da cultura humana que deixam de ter uma função ou que deixam de ter uma

Maria Cristina Costa, socióloga, com mestrado e doutorado em Ciências Sociais, é Livre Docente em Ciência da Comunicação, professora e pesquisadora junto à Escola de Comunicações e Artes da USP.

site: www.eca.usp.br/narrativas



sacralidade passam a ser vividos sob a forma ficcional e narrativa que assume diferentes modelos dependendo do tipo de cultura, do tipo de organização do pensamento lógico - já que a ficção estabelece sempre oposição em relação ao pensamento lógico. A ficção se manifestou na história da cultura através de diferentes estruturas narrativas: o mito, a metáfora, a composição plástica, o uso da perspectiva. Nesse sentido, a ficção típica da Modernidade se caracterizou por uma narratividade épica, linear e histórica.

NO- Se considerada a Modernidade, e no seu bojo o advento dos media de massa, pode-se dizer que daí derivou hoje um excepcional uso instrumental da ficção?

CC- Eu acho que os media se aproveitaram da necessidade que temos do compartilhamento da ficção para a formação de sentimentos coletivos de nacionalidade, de classe social, de religião. Em sociedades múltiplas, plurais, urbanas, migrantes, imigrantes, eu vejo essa ficção, essa narratividade como um espaço de compartilhamento e de formação de novos sentimentos de união. E os media naturalmente se mostraram aptos a facilitar essa empreitada. Mas eu acredito que foi a Literatura que primeiro deu visibilidade a esse esforço narrativo, com coletâneas como “As mil e uma noites” e o “Decameron”, conjuntos de espécies narrativas que proporcionam esse prazer da “contação” de história, da leitura em conjunto, da referência comum que se carrega e que faz com que as pessoas se perguntem: “você leu? você viu? você ouviu?”. É, enfim, esse gosto pelo compartilhamento.

NO- A relação ficção-entretenimento, marcante no consumo midiático contemporâneo, também propiciou traços igualmente marcantes na construção de práticas culturais?

CC- Eu vejo da seguinte maneira: quando se instala a indústria, instala-se a dicotomia: trabalho e não trabalho, jornada de trabalho e entretenimento,

produção e lazer. E é no espaço da não produção, do descanso, do ócio, como veio a ser chamado depois, que o consumo da ficção se aloja. Mas falsamente colocado, porque há um enorme trabalho, uma grande produção, por trás da construção deste aparente lazer.

NO- Pode-se dizer que hoje há uma ficção sendo construída massivamente dentro da sociedade?

CC- Eu não sei se é construída. Eu vejo que a tecnologia dos meios de comunicação favorece o deslocamento no tempo e no espaço, criando esse ambiente quase metafórico - quase de ficção em si mesma - que passa a ser a natureza da comunicação. Então a gente tem a impressão de que, nos meios de comunicação, a surpresa é quando o enunciado corresponde à realidade, não quando ele é ficcional. Por exemplo, a revolução que o microfone imprime às comunicações, permitindo ao repórter passar de um espaço a outro para narrar o que está acontecendo à distância do público... Esse deslocamento naturalmente promove um sentimento de incredulidade, de expectativa, de ficção. Então eu diria que favorece mais essa narratividade ficcional do que a descritiva ou testemunhai.

NO- Você diria, servindo-se de Carlos Fuentes que você citou há pouco, que há uma prática cultural historicamente voltada à ficção, contrapondo-se a uma prática cultural derivada dos media, quase que um conflito no âmbito da ficção na América Latina ou no Brasil em específico?

CC- Não, eu não vejo conflito, eu vejo a hibridização de todas essas criações ficcionais, uma relação muito íntima entre a ficção literária e a ficção dos meios de comunicação de massa, tanto que é muito fácil a tradução de um meio para o outro. Mas, diferentemente da cultura européia, na qual a era da literatura escrita se desenvolveu de forma independente dos meios de comunicação de massa, na América Latina, as formas ficcionais vão intercambiando influências. Então,

principalmente na América Latina, eu vejo uma troca, uma negociação, um hibridismo.

NO- No contexto dos diferentes gêneros com que os media trabalham, pode-se dizer que há o predomínio de gêneros ficcionais?

CC- Eu acho que os media estão muito contaminados pela ficção, na atualidade. Por exemplo, o jornalismo tem uma narratividade que vai buscar recursos na ficção - o suspense, o melodrama. Por outro lado, a ficção brinca com o jornalismo, com o criar notícias, o criar fatos. Com relação à ficção literária e à ficção mediática, acho que eles são contemporâneos, têm a mesma raiz, a mesma origem de populações que, finalmente, começam a encontrar um espaço comum, capaz de gerar um sentimento de pertencimento. E isso se dá especialmente na Modernidade.

NO- Você falou em pertencimento. Há informações no sentido de que a maior parte da produção televisiva no Brasil está voltada para o mundo ficcional. A recepção estaria sendo então, por derivação, vinculada sobretudo a essa relação de proximidade com o pertencer ao mundo imaginário?

CC- Eu não tenho dúvida nenhuma que efetivamente essa sensação de pertencimento surge de manifestações ficcionais e artísticas, da “contação” de história, desde a “contação” oral que acontecia nas feiras, desde as primeiras encenações teatrais, das formas de entretenimento coletivas. E é através dessa possibilidade de pessoas de origens diferentes compartilharem experiências que se consegue gerar esse sentimento de aproximação, de vizinhança, mesmo que as pessoas tenham vindo de culturas díspares. O Estado é o grande gerenciador deste processo, de fazer eclodir movimentos narrativos, talvez mais narrativos do que ficcionais, porque eu penso na fofoca, no boato, na curiosidade pela vida alheia, no voyeurismo, que são formas metafóricas mas não necessariamente ficcionais. Por que um boato se espalha

de maneira tão fácil? Ele se espalha porque começa a ser compartilhado, e de repente você o desconhecer pode lhe causar um sentimento de exclusão. Dizem que quando um imigrante ri das piadas da cultura onde foi viver, esse é o maior sinal de aculturação, de adaptação à cultura receptora. Essas formas de narratividade têm esse papel. Você ri junto, você entende um provérbio, você usa um ditado, você repete um slogan, você canta um jingle e tudo isso acaba criando uma cultura comum partilhada por pessoas extremamente diferentes, todos eles de certa forma arrancados ou expulsos dos seus lugares de origem, e que encontram nesse compartilhamento um sentimento de comunidade.

NO- Quando você fala das práticas de recepção associadas a essa dimensão de pertencimento e a sua ligação mais imediata com o mundo ficcional, isso significaria também a própria dificuldade de se lidar com o mundo concreto, racional, real, via media? Por isso que se prefira uma busca muito mais do imaginário, da ficção, do entretenimento, talvez como manifestação do conflito realidade-ficção?

CC- Eu não acho que seja a dificuldade de se tratar a realidade. A ficção e a arte, dadas as suas ambigüidades, criam mais espaços de negociação de sentidos, conseqüentemente de inclusão do receptor. Há espaços obscuros, ambigüidades, paradoxos, contradições, e são nesses espaços abertos pela ficção, pelos deslocamentos, pela ação do personagem, que a ficção pode ser vista como a imobilização do real, um corte do real, uma célula do real imobilizada para que possa ser analisada e vivenciada. Esse recorte é naturalmente uma artificialidade, porque a vida continua, não se permitem cortes. Esse processo artificial abre espaço para a criação coletiva, para a diferenciação, para o imaginário e para esse sentimento de pertencimento, ao passo que o real e a comunicação mais factual e jornalística oferecem menor espaço de criação.



NO- A interatividade mediática crescentemente sendo disponibilizada pelos novos media pode contribuir para um receptor mais ativo, mas também exigirá um mundo imaginário cada vez mais construído pela simulação?

CC- Eu acho que há, por um lado, uma potencialização da capacidade ficcional e criativa, que é interativa, e porque as distâncias que os enunciados percorrem são maiores, portanto há menos precisão, há um esforço muito mais interpretativo. Os enunciados são menores, são mais curtos, são mais rápidos e são mais frágeis. Por outro lado, essa preocupação das grandes narrativas que caracterizam a Modernidade vem se transformando em outros processos metafóricos como a simulação. A simulação não é ficção, mas um outro jogo interpretativo. Cada meio de comunicação tem a sua propensão para um tipo de fantasia, para um tipo de imaginário. Os novos media têm características muito próprias, do jogo, do lúdico, da simulação, da interpretação de personagens, formas de estabelecer relações a distância, mediadas cada vez mais por tecnologias.

NO- Já que temos uma transformação, não necessariamente da ficção, mas dessa estrutura lúdica, como fica o tempo e o espaço com esses novos media?

CC- A analogia com o tempo natural desaparece nos novos media. Nós não temos mais como na televisão ou no rádio, um meio de comunicação que acompanha o público na sua jornada diária - que dá o bom dia, que faz a oração, que conta como vai ser o tempo, que fala da noite bem dormida, logo às oito da manhã, que, ao meio dia, fala como deve ser a alimentação, e quando chega a noite fala do cinema, enfim, que cria toda uma programação que reproduz e naturalmente disciplina o homem. E criando uma orquestração na vida de todo mundo, na vida produtiva, no lazer, orchestra a sociedade. Nas novas mídias isso desaparece porque não há mais esse acompa-

nhamento; é o aqui e o agora. Eu estou aqui de noite, mas alguém está de manhã no Japão, e eu posso estar conversando com ele e fazendo coisas juntos. Por outro lado, acho que a gente não pode esquecer que tudo isso resulta de pesquisas científicas, de corridas espaciais. Eu vejo um esforço nos novos media, não só de resolver o problema do homem aqui agora na Terra, mas também de uma sociedade que está se tomando interplanetária. Então a comunicação a distância, o sexo por computador, não são apenas para quem está aqui e agora, para substituir a comunicação presencial pela a distância, mas para quem vai amanhã estar em Marte e sua família, sua comunidade, na Terra.

NO: A subjetividade não estaria cada vez mais dependente dos media, criando-se com as novas tecnologias um novo mundo de correlação de sentidos?

CC- A possibilidade de realização no aqui e agora está cada vez mais distante. A ficção projeta a realização existencial do ser humano e projeta adiando. Logo, continuamos almejando, desejando e nos preparando para o momento da realização. Nesse sentido, a Modernidade com a sua linearidade, com a sua seqüencialidade, exagerou no uso desse processo projetivo. Ao mesmo tempo que a sociedade se tomou cada vez mais controlada, com mecanismos de manutenção mais eficientes, a possibilidade dessa realização se tomou mais difícil e consciente, abrindo espaço realmente para ficção, para as drogas, para a alienação, para as atitudes violentas. Eu acho que não é a existência dos novos media, mas é a realidade que está dura demais, fechada, dominada. E nós estamos cada vez mais conscientes das nossas impossibilidades, das nossas dificuldades e as formas de escape e de alívio têm mais sucesso.

NO- Você diria que esse alívio ou esse escape, tem no entretenimento e na ficção um dos vetores fundamentais, mesmo com os novos media?



CC- Eu acho que sim, mesmo porque o próprio individualismo vem perdendo grande parte da sua força. Essa comunicação com o distante, novas formas de comunidade, de relacionamento, de interpretação do mundo, novos papéis, novas personagens, novas situações, novos contextos se tomam extremamente atraentes ao homem contemporâneo. Não que seja uma mera catarse, as pessoas parecem mais conscientes de que não há volta à Modernidade, ao sonho da harmonia e da prosperidade. Homens-bomba, a disseminação da droga, a violência, os genocídios, são aspectos que estão ligados a esse radicalismo das reações humanas diante das impossibilidades do real.

NO- O mundo imaginário na comunicação contemporânea é mais produto da sociedade de consumo ou fonte permanente de resgate dos sonhos e esperanças desde sempre sendo acumulados pelo homem? Afinal, o que é comunicação hoje?

CC- Eu não acho que a cultura humana seja resultado apenas da sociedade de consumo. Eu acho que há uma relação dialética em que as necessidades humanas geram também as possibilidades de consumo que, por sua vez as realimentam. Então, nesse sentido, os sonhos, as esperanças, o jogo, o acaso, a aleatoriedade, a sensação de que se

pode começar sempre tudo de novo, são anseios gerados pela existência humana, pela consciência da nossa finitude. Nós somos o único animal que, pouco depois que nasce, já sabe que vai morrer. E esse medo, essa angústia do viver geram formas mentais muito peculiares, cheias de simbolismo, como o sonho, a esperança, o devaneio, a ficção, que sugerem produtos. O objeto mágico nasceu antes da mercadoria, mas certamente gerou essa mercadoria. E enquanto houver esse embate entre o imaginário e a realidade, transformado em mercadoria, existirá o consumo. Não que essa mercadoria seja um simulacro do objeto desejado, mas uma referência. O simulacro dá a idéia de que o receptor se deixa enganar. E nós sabemos perfeitamente o limite do nosso sonho, do nosso imaginário, da ficção. Nós sabemos perfeitamente quando acabou o capítulo da telenovela, não nos deixamos enganar pensando que o sonho continua. E, estudando o gancho, eu vejo que é essa consciência que torna o sonho possível, a ficção possível. E a mercadoria que se vale disso não vem substituir o sonho, mas sugeri-lo, lembrá-lo, alimentá-lo. Já a comunicação é o único meio pelo qual tudo isso se expressa, senão nós morreríamos completamente afundados na nossa própria subjetividade.

Bibliografia Citada da Entrevistada

COSTA, Maria Cristina. **A milésima segunda noite - da narrativa mítica à telenovela**. São Paulo: Annablume, 2000.

COSTA, Maria Cristina. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo SENAC, 2002.

